



Análise das produções textuais de alunos da 6^a classe sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem

Analysis of the textual productions of 6th class students on language acquisition and development

Baptista Luís Abrantes¹

RESUMO: O estudo sobre a aquisição da linguagem e da escrita é fundamental, por estar ligado ao acompanhamento do desenvolvimento infantil, tendo em conta a indefinição do período crítico. O estudo possibilita perceber, que, a aquisição da linguagem é uma área multidisciplinar ou híbrida, num intercâmbio entre linguistas, psicólogos, tendo levado os naturalistas experimentais a classificarem três subáreas principais para aquisição da linguagem: aquisição da língua materna; aquisição de segunda língua e aquisição da escrita. Segundo Cagliari (2008), o professor deve trabalhar com a criança conhecimentos técnicos específicos a respeito do que ensina e das coisas que o aluno quer aprender, para melhor compreensão dos factos envolvidos e, melhor actividade escolar de avaliação, em casos de alguns transtornos ou desvios de escrita e fala da linguagem. É fundamental que o professor ou educador trabalhe com o aluno de forma prazerosa e respeitante à sua gramática, mediando os desvios de escrita constatados e que reflectem a prática diária da fala. Assim, todos os educadores que lidam com crianças, devem estar atentos para os sinais de alerta e factores de risco para alterações do processo de desenvolvimento da aquisição da linguagem e da escrita na pré-escola.

PALAVRAS CHAVE: Infância; Linguagem; Alfabetização.

ABSTRACT: The study on the acquisition of language and writing is fundamental, as it is linked to the monitoring of child development, taking into account the uncertainty of the critical period. The study makes it possible to perceive that language acquisition is a multidisciplinary or hybrid area, in an exchange between linguists and psychologists, having led experimental naturalists to classify three main subareas for language acquisition: acquisition of the mother tongue; second language acquisition and writing acquisition. According to Cagliari (2008), the teacher must work with the child specific technical knowledge about what he teaches and the things that the student wants to learn, for a better understanding of the facts involved and, better school evaluation activity, in cases of some disorders or writing and speaking deviations from language. It is essential that the teacher or educator works with the student in a pleasant way and regarding their grammar, mediating the deviations in writing found and that reflect the daily practice of speech. Thus, all educators who deal with children must be aware of warning signs and risk factors for changes in the development process of language acquisition and writing in preschool.

KEYWORDS: Childhood; Language; Literacy

¹Licenciado em: Psicologia, mestrando educação pré-escolar, Instituto Superior de Ciências de educação do Sumbe -- ISCED CUANZA SUL. Professor de psicologia e filosofia no Liceu do Waco Kungo, província do Cuanza Sul de Angola. E-mail: abrantest8789@gmail.com



ABRANTES, B. L.

Revista Iniciação & Formação Docente

V. 8 n. 4 – 2021

ISSN: 2359-1064



Introdução

A infância é um momento singular do desenvolvimento da criança, pois, segundo Jobim (2016):

“é o momento da vida em que o indizível pode ser experimentado como algo superlativamente dizível” (...) Você já deve ter compreendido que o infante não é simplesmente aquele que não fala (infans), mas sim aquele que luta para criar a sua própria palavra, instituindo a si mesmo e ao mundo que o cerca (p. 14).

Aos cinco anos a criança assimila as principais regras gramaticais e está pronta linguisticamente para a comunicação. A partir dos seis anos têm início o aprendizado da linguagem escrita, com bases neurológicas de componentes inatos menos fortes do que a linguagem oral.

Segundo Barbosa, (2019) a escola não ensina a língua; mas apenas o padrão escrito para corrigir o coloquial (oral) pela influência do dialecto, mas quando chega à escola vai conhecer a norma padrão de verbos variáveis, tendo em vista que a aquisição normal da linguagem é dependente de uma serie de factores como o contexto social, familiar e histórico pré, peri e pós natal do indivíduo, as suas experiencias, capacidades cognitivas e orgânico -funcionais.

Neste estudo de manuscrito detectamos má qualidade da caligrafia, mal direccionamento das letras e debilidades de segmentação da fala na escrita, problematizado em indícios da mal alfabetização dos alunos da sexta classe da “faixa etária dos 11 e 12 anos de idade” da escola José Martin E-15 do Sumbe, Província do Kwanza Sul em Angola. Importante mencionar que a realidade diverge das contribuições de Scarpa, Jobim, Cagliari, Prates e Martins, Chomsky, Piaget e Vigotsky cujos resultados são reflexos da alfabetização em Angola.

Este trabalho visa reflectir dados qualitativos de revisão bibliográfica de apoio ao módulo da aquisição e desenvolvimento linguagem, considerando bases teóricas que observaram a aquisição eficiente da linguagem e da escrita na pré-escola, em “textos manuscritos” dos alunos do ensino fundamental da escola do Sumbe, província do Cuanza Sul em Angola.



ABRANTES, B. L.



Infância e linguagem

A infância pode ser entendida como começo, nascimento ou fase inicial da vida da criança. Enquanto a “Linguagem é o sistema simbólico para representar os significados em uma cultura, abrangendo seis componentes”. (Prates e Martins, 2011, p. 55).

Desde o nascimento a criança se comunica através do chorar, olhar, gestos e movimentos corporais que são bases para o desenvolvimento comunicativo e da linguagem. Ao nos baixar no nível da criança, “refiro-me à singularidade do momento em que a criança se lança na aventura de se tornar emissora de suas próprias palavras”, (Jobim, 2016, p.13).

Nota-se, portanto, que o infante não é simplesmente aquele que não fala (infans), mas sim aquele que luta para criar a sua própria palavra, instituindo a si mesmo e ao mundo que o cerca, Ibidem, (2016).

Jobim, (2016) concluí que, na experiência da criança não há limites rígidos entre imaginação e realidade, no convívio com as crianças a imaginação é uma experiência de linguagem que deve ser não apenas preservada, mas também incentivada no espaço da educação infantil.

Analisando a filogênese² e ontogênese³ da linguagem a partir do aparecimento da função simbólica na criança, aproxima-nos as ideias de Benjamim apresentadas anteriormente. “O gesto se constitui, no signo visual inicial que contém o futuro da escrita do homem, e a representação simbólica da realidade evolui em diálogo permanente da criança ou do adulto com o seu contexto social” (Vigotsky, 2016, p. 19).

² Filogênese – se dedica ao estudo da evolução da espécie.

³ Ontogênese - ocupa-se do estudo da evolução de cada indivíduo, desde o embrião até a velhice.



ABRANTES, B. L.

Aquisição da linguagem e conhecimentos necessários para que a criança aprenda a ler e escrever.

Para Cagliari (2006), a alfabetização deve despertar no aluno o interesse em decifrar o contexto da aplicabilidade da realidade do alfabetizando. Pinker (1994) afirma que a aquisição da linguagem normal é garantida até os seis anos, é comprometida até pouco depois da puberdade ou o período crítico⁴, e é rara daí para frente. O estudo nos leva a inferir que a aquisição da linguagem é uma área multidisciplinar ou híbrida, com três subáreas principais para aquisição da linguagem: aquisição da língua materna; aquisição de segunda língua e aquisição da escrita.

a) aquisição da língua materna, tanto normal quanto “com desvios”, recobrando os componentes “tradicionais” dos estudos da linguagem, como fonologia, semântica e pragmática, sintaxe e morfologia, aspectos comunicativos, interactivos e discursivos⁵ da aquisição da língua materna. Sob a égide de “desvios”, conta-se: aquisição da linguagem em surdos, desvios articulatórios, retardos mentais e específicos da linguagem etc; *b) aquisição de segunda língua*, quer como bilinguismo infantil ou cultural, quer na verificação dos processos pelos quais se dá a aquisição de segunda língua entre adultos e crianças, seja em situação formal escolar, seja informal de imersão linguística; *c) aquisição da escrita*, letramento, processos de alfabetização, relação entre a fala e a escrita, entre sujeito e a escrita nesse processo etc. (SCARPA, 2001, p. 03)

Chomsky, (1959) adopta a postura inatista⁵; este aspecto também constitui as preocupações da teoria da linguagem de Benjamim, ao tratar da actividade mimética como experiência originária de linguagem, articula ontogênese com filogênese apresentando dois momentos distintos, porém integrados, de processo de criação da linguagem.

Jobim (2016), “diz respeito à reprodução da capacidade de gerar, de criar, em consonância com a imitação da natureza; O dom de imitar as coisas da natureza é

⁴ O período crítico - se explica por mudanças maturacionais no cérebro, tais como declínio da taxa de metabolismo e do número de neurónios durante a idade escolar e da diminuição do metabolismo e do número de sinapses cerebrais na adolescência.

⁵ Chomsky, Inatismo linguístico é a modularidade cognitiva da aquisição da linguagem: o mecanismo de aquisição da linguagem é específico dela, não exibindo interface óbvia com outros componentes cognitivos ou comportamentais. A relação entre a língua e outros sistemas cognitivos, como a percepção, a memória, e a inteligência, é indirecta, e a aquisição da linguagem ou o desenvolvimento da Gramática Universal junto com a fixação de parâmetros – não depende, necessariamente, de outros módulos cognitivos, muito menos de interacção social.



ABRANTES, B. L.

também uma maneira de dar sentido para o mundo” (p.13). Nesse sentido, para que a criança aprenda a ler e escrever (Lightfoot, 1991) precisa ser exposto a uma quantidade relativa (leve) de informações de linguagem crucial e simples para pouco a pouco descobrir e cobrir as dificuldades que pode trazer da língua materna obedecendo a pré - programação automática que ela trás.

Piaget, na década 1960, assevera que a aquisição e desenvolvimento da linguagem são derivados do desenvolvimento do raciocínio⁶ da criança, pelo desenvolvimento da representação ou experiência das acções⁷, opondo-se a autonomia do mecanismo de aquisição da linguagem de (Chomsky 2006, p.209).

Vigotsky (2006), elucida a aquisição da linguagem como um processo pelo qual a criança se firma como sujeito da linguagem e não como aprendiz passivo e pelo qual constrói ao mesmo tempo seu conhecimento do mundo, passando pelo outro (p.214). No mesmo pensamento corrobora, “um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que aprende” (Cagliari, 2006, p. 66).

Quanto aos dados textuais que nos propusemos apresentar como fenómeno de estudo, o autor acima recomenda que a aprendizagem da leitura e da escrita deve o aluno começar: saber decifrar o que está escrito, possibilitar aprender por si, usar o método de aprender tudo/geral e não direccionar, privilegiar a atitude de descoberta, equilibrada e adequada, descobrir o que os alunos pensam, tomar cuidado aos rótulos a atribuir a determinados factos, da escrita alfabética, sons sílabas das através de consoantes e vogais, considerar a cultura na formação individual, ter atenção que a língua não é só som é significados, mas criar relações entre letras e sons na alfabetização e, ensinando os nomes das letras aos alunos no sistema de escrita, não apenas para ler mas estudar o valor fonético das letras, estes são os passos fundamentais propostos por Cagliari os diferentes caminhos que o educador ou professor deve obedecer para que a criança aprenda ler e escrever com eficiência e eficácia.

⁶ A aquisição da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência da Criança (cognitivismos construtivismo ou epigenético) – estas duas abordagens explicam a origem do desenvolvimento das estruturas do conhecimento (cognitivas) pela interacção entre ambiente e organismo.

⁷ Piaget, 1. *A epistemologia genética*. São Paulo, Abril, 1999, p. 11 (Série Os Pensadores) por Scarpa, 2016, p, 210.



ABRANTES, B. L.

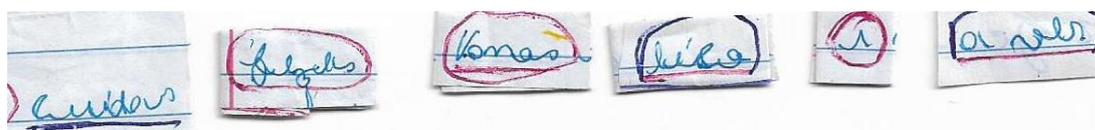
Análise do corpo - texto produzido pela criança

Com amostra aleatória representativa de 5 crianças, com idade entre 11 e 12, da população da escola primária do Sumbe, em Angola com a mesma possibilidade de selecção para amostragem. Foi realizada uma aula com o texto “o ambiente” onde os alunos deveriam produzir um texto, logo após a realização da produção escrita, os 5 textos foram analisados e seleccionamos um texto para a apresentarmos neste trabalho, tendo em vista que os desvios ortográficos, apresentados foram comuns entre todos os alunos, cabe mencionar que o texto ora analisado foi o que apresentou mais desvios de ortografia, além de dificuldades em usar “letras altas”(letras maiúsculas), aspectos secundário das letras, estilo e caligrafia, etc;

No texto produzido, o aluno apresenta domínio de conhecimentos linguísticos para leitura e escrita mostra que, é falante nativo da língua portuguesa; sabe diferenciar o desenho da escrita; não há bolinhas e rabiscos no texto em análise; A criança faz boa distinção entre desenho e escrita; conseguiu demonstrar em prática que a sua experiência linguística está intrinsecamente centrada na linguagem oral - escreve com segmentação da fala em palavras.

O resultado da sua escrita indica que ele sabe interpretar de maneira correcta os conhecimentos que tem a respeito do que faz e do jeito que faz. “O professor pode mostrar aos alunos como eles sabem palavras isoladas, pegar uma frase e pedir para eles dizerem quais são as palavras dessa frase” (Cagliari, 2008, p. 137).

Porem, observa-se que o aluno tem muita dificuldade em distinguir determinadas letras por causa das aproximações sonoras, exemplo: cuidas/cuidar, fezeles/fezes, vanos/vamos, lixo/licio, e/i, haver/a ver.



Algumas crianças, mostram que nem sempre procuram atribuir uma letra a uma sílaba, mas que observam os elementos vocálicos e consonantais da fala. “Quando o aluno estiver tentando ler, ele precisa chegar até à palavra para poder dizer o que está escrito” (Cagliari, 2008, p. 138).



ABRANTES, B. L.

Curiosamente, a observação do que escrevem leva as crianças a refazerem a sua forma normal, ao lerem, atribuindo uma letra a cada sílaba, exemplo vanos/vamos e háver/a ver;



Diante de uma palavra como “lixo” se o aluno achar que está escrito “licio” como é evidente, é uma tentativa válida, mas equivocada “porque não descobriu nenhuma palavra da língua” (Cagliari, 2008, p. 138). No nosso entender,

“na verdade, são as maneiras como as crianças analisam as saliências fonéticas que as levam a escrever do jeito que fazem, só com vogais ou só com consoantes, e não a simples atribuição de uma letra a uma sílaba” (Cagliari, 2006, p.74-75).

O aluno teve o controlo⁸ dos significados das palavras nas segmentações;

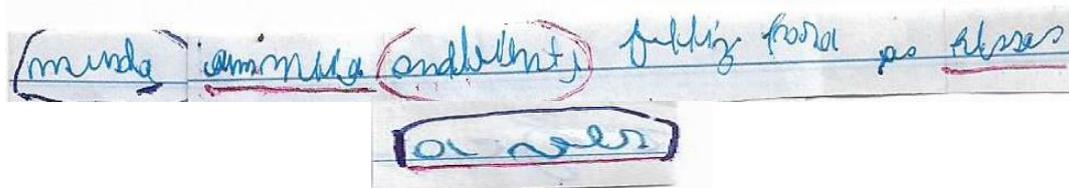


O aluno conseguiu intercalar a “fala e o significado” descobriu as palavras e guiou-se por elas, Cagliari, (2008) recomenda que uma estratégia usada pelos linguistas para este efeito, consiste em intercalar uma palavra em algum lugar do continuo da fala para ver se o todo fica sem ou com sentido. Por exemplo no texto do aluno, a frase: “não devemos deitar lixo na água”. Podemos intercalar palavras e fica: não devemos “continuar” deitar lixo “que produzimos” na água; neste caso pode se segmentar porque a frase tem sentido.

Por isso na alfabetização, “o professor deve incentivar os alunos a lidar com os significados desde o início, a descoberta do que está escrito implica em descobrir o significado, não apenas os sons” (Cagliari, 2008, p. 139).

O aluno teve pouco controlo da sequência dos sons nas segmentações, das seguintes palavras: mundo/minda, ambiendi/ambiente, pessses/pessoas, es/as, haver/a ver,

⁸ Portugal•lusismo m.q. controle. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>



Nota-se que o aluno tem dificuldades de segmentar as palavras na sua fala, apesar de possuir uma excelente acuidade auditiva e facilidade para observar a fala como um todo; Ao contrário quando se trata de analisar, interpretar, e explicar o que observa, tudo fica muito difícil.

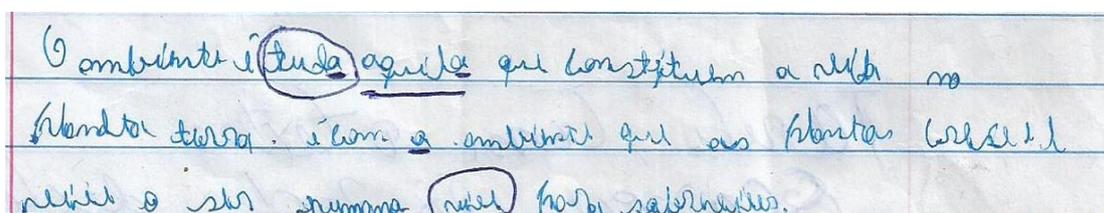
Percebemos que, para resolver este problema “o professor poderá mostrar unidades sonoras menores do que a palavra, fazendo-os observar rimas, sons iniciais de nomes e de coisas, sons repetidos como pastes de palavras, etc” (Cagliari, 2008, p. 139). Os exercícios são orais, e material escrito com letras maiúsculas para mostrar as semelhanças e diferenças, na fala e na escrita.

O aluno apresenta falta de domínio na segmentação das palavras para a escrita – demonstra que escreve com a separação baseada no modo como fala as seguintes palavras: um meio/ummeio e haver/ a ver;



Por isso é preciso que a criança aprenda não só analisar os sons da fala, é preciso saber cortar as unidades de fala que vão ser representadas na escrita como: as palavras, os segmentos consonantais e vocálicos, deixando de lado as sílabas, “a segmentação na escrita é feita através de espaços em branco por exemplo: um meio, trata-se de um trabalho sutil de cortar e colar, de desmontar e remontar a estrutura linguística dos enunciados” (Cagliari, 2008, p. 140).

Não tem dificuldade de escrever com letras – não mistura letra maiúscula e minúscula, internalizou as formas e os tamanhos das letras, entende-se nesta circunstância que “o cérebro da criança enxerga o elementos aconselháveis a usar na forma e altura das letras Maiúscula e minúscula” (Barbosa, 2019).





ABRANTES, B. L.

O texto em análise ilustra as dificuldades na variação ortográfica pelo mal direcionamento das “letras”, não apresenta habilidades cursiva de letras, segundo Marinalva Barbosa, (2019) este aluno peca nas letras minúsculas que constituem o ponto de chegada e não de partida da escrita “ensinar a ler usando letras cursivas é uma maldade muito grande para com as crianças, “as letras cursivas foram inventadas para uso de quem já sabe ler e escrever e precisa escrever muito rapidamente” (Cagliari, 2008, p. 141), e não é o caso dos alunos em estudo que ainda precisam de aprimorar muitos aspectos e detalhes da alfabetização.

É perceptível que o aluno tem dificuldade de distinguir algumas letras na sequência ortográfica, como se observa abaixo:



Exemplo: lixo/licio em manter uma letra como unidade abstracta, fruto das variações gráficas que letra pode ter, Por exemplo é o caso da letra “X” do texto em estudo, que em português se pronúncia “chiz” mas pode representar a letra “Z”, por isso o professor deve ter em mente que o valor funcional das letras é determinado pela ortografia.

Diante desta realidade, Cagliari, (2008) afirma que “um professor não pode pensar que as letras têm apenas um som, que a letra “A” tem apenas o som de “a”. É uma grande mentira que pode deixar as crianças atentas as relações entre a fala e a escrita.

A criança tem dificuldade em reconhecer a variação das letras, nas seguintes palavras: “haver/a ver, e/i, ambiente/ambientí; mundo/munda, tudo/tuda; causa/leusa, o/a, colaborar/colaborais”; ela escreve como fala determinadas palavras. Deciframos, que há, rotulação na fala dos alunos da escola José Marti do E-15, “no entanto, é muito comum o uso deste rótulo para classificar fatos que não se caracterizam, na verdade como o que se define, nas ciências da linguagem por sílaba” (Cagliari, 2006, p. 72).

Também “notamos que o aluno não tem dificuldade em utilizar os sinais de pontuação – além de letras”, como os acentos: “circunflexo e acento til ” das palavras: água e não;





ABRANTES, B. L.

Na opinião de Luiz Cagliari, (2008) para resolverem as dúvidas e curiosidades as crianças devem saber que, “os sinais de pontuação funcionam como uma espécie de sinais de trânsito para fácil a leitura e isto permite ao professor criar actividades interessantes para explicar de maneira fácil coisas que, de facto, são complicadas” (p.154).

O aluno não cumpriu com os aspectos secundários das letras, demonstra dificuldades em usar “letras altas” (c, d, e, h, i, l, r, s, t, v, 5, 4, 3 ...) palavras: e “letras baixas” (f, g, j, p, q, z) tamanho, direcção, linearidade, espacialidade, estilo e caligrafia, aspectos são notáveis em todo texto do aluno em análise.

Conclui-se que parte dos alunos da escola do Sumbe, têm dificuldades na escrita cursiva, mas “não têm dificuldades de diferenciar letras maiúsculas das minúsculas”, estas insuficiências não estrangulam a aprendizagem da leitura e da escrita, mas são aspectos que podem atrapalhar de certo modo.

Detectamos que a letra C e P, por exemplo não se entendem o que provoca indução de confundirmos o “C” com L e P com “f ou q” minúscula.

Segundo Cagliari, (2006) muitos alunos não aprendem, por preconceito e ignorância de seus professores, que não sabem avaliar correctamente o que o aluno faz, as explicações do professor, nestes casos, nem sempre são muito claras; no entanto a dificuldade de traçar letras para as crianças que têm poucas experiências com lápis e caneta pode ser superada com a ajuda de gabaritos que as levam a manter certas proporções nos traçados das letras.

Importante apontar que alguns dos desvios não estão relacionados apenas com a ortografia, no entanto, “o problema” é a falta da capacidade de penetrar no mundo da aprendizagem do aluno - essa atitude leva muitas vezes procurar que as crianças saibam “abstrair a palavra” como algo concreto, mas só a pronúncia e a escrita são, porque a



ABRANTES, B. L.

palavra não tem tamanho, peso e não ocupa espaço por isso essa ideia é errada dos professores.

O texto demonstra que a criança compreendeu a proposta de escrita – pela “acentuação” das palavras, como se prova no texto as palavras: “não e água”.



Palavras variam não só de acordo com regras fonológicas e morfológicas (formas lexicais diferentes) - percebemos que a criança apresenta dificuldades típicas da escrita de fala e escrita na alfabetização pela falta de concordância ortográfica, na internalização da língua, mas são, na verdade, factos morfo - sintácticos, é o caso das palavras que o aluno no texto escreve: “Licio” que seria “lixo” e “i” que tinha de escrever “e”.



Podemos considerar “um problema menor, mas tem suas implicações nos conhecimentos que uma pessoa precisa ter para ler e, conseqüentemente para escrever” (Cagliari, 2008, p. 153).

Genericamente no “ultimo item de Cagliari” dos cinco textos estudados e em particular, o texto de nossa análise, levou-nos a ter certeza que a criança compreendeu a proposta de escrita, pelo facto de saber que ler não é só apenas decifrar os sons das letras e das palavras, mas conseguir pensar uma mensagem elaborada por outra pessoa e representa-la na escrita como é caso do texto por ela elaborado caso em estudo desta pesquisa. Porque “em geral, somente textos científicos requerem um trabalho de interpretação, ou textos arcaicos” (Cagliari, 2008, p. 156); portanto é o caso do nosso texto de estudo alunos da pré-escola de Angola.

Conclusão

Dos resultados alcançados por meio da análise desenvolvida, apuramos muitas referências teóricas que versam sobre infância, a linguagem e da escrita, (Cagliari, 2006, 2008, Jobim, 2016, Vygotsky e Piaget), as quais indicam caminhos que o educador (professor) deve assumir para dirigir o processo de aquisição da Linguagem e da escrita efetivamente resultar o êxito que se deseja.



ABRANTES, B. L.

Revista Iniciação & Formação Docente

V. 8 n. 4 – 2021

ISSN: 2359-1064



Do texto analisado, nota-se uma desatenção atualmente na escola para intervir sobre aspectos relevantes da linguagem como: mal caligrafia e ortografia, mal direcionamento da letras e debilidades de segmentação da fala na escrita, o que indicia a mal qualidade da alfabetização dos alunos na escola em referencia, como indicador do estado atual da alfabetização em Angola.

Assim sendo, faz-se necessário a formação continuada aos educadores ou professores, no processo educativo e da alfabetização, para qualidade em aquisição da linguagem e da escrita na pré-escola junto aos educandos é premente. Tal ação pode contribuir para que desde cedo as crianças desenvolvam a escrita e a mensagem oral, explorar estratégias cada vez mais elaboradas e valorizar a pré-escola como pilar para o sucesso acadêmico e social da criança (individuo), criando condições para implementação das ações e propostas com a intervenção de todos intervenientes, visando a melhoria da qualidade da vida infantil para uma melhor e facilidade na aprendizagem linguagem e da escrita no contexto educativo - escolar.

Referências

CAGLIARI, C. L.; CAGLIARI, M. G.. **Diante das Letras: a escrita na Alfabetização**. Cad Pesq., São Paulo: Mercado de letras, v.2, p.220-221, fev. 2008.

CAGLIARI, C. L. **Alfabetização e letramento: Perspectivas linguísticas**. Cad Pesq. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, v.32, n. 3, p.70, 74-75, 72. 2006.

MUSSALIM, F.; BENTES C. A.. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Cad Pesq., Campinas, São Paulo: Mercado de letras, v.53, n.3, p.136-137, p.138-141, p. 153 e 156, fev. 2006.

PRATES, S. C. P. L.; MARTIS O. V. **Distúrbios da fala e da linguagem na infância**. Disponível em < Revista Médica de Minas Gerais; 21 (Supl 1):S54-S60.

SOUSA, S. J **Infância e linguagem**. Cad Pesq. Campinas p.13. 2016.

Como citar este artigo (ABNT)

xxxxxxx. **Análise das produções textuais de alunos da 6ª classe sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 4, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

xxxxxxx.(2021). **Análise das produções textuais de alunos da 6ª classe sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



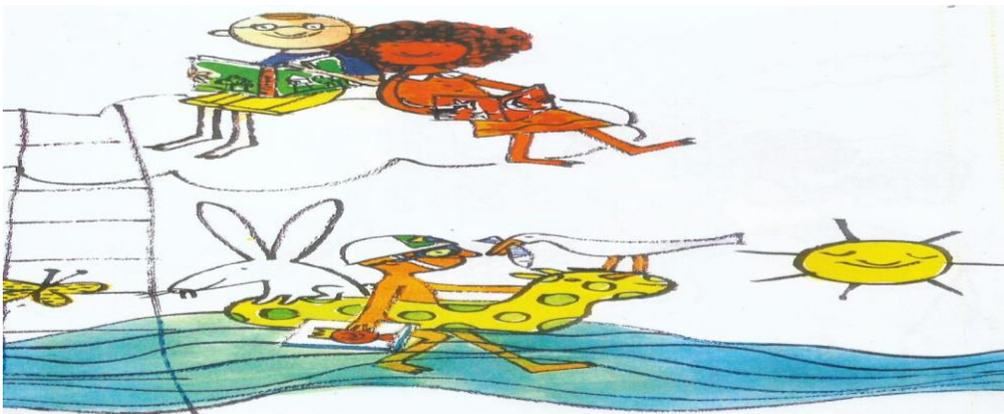
ABRANTES, B. L.

ANEXO

Anexos I – Sobre Infância e Linguagem proposta de Solange Jobim.



Anexo II



Anexo III



